

BJO: PERIÓDICO UNE 60 ANOS DE TRADIÇÃO COM TECNOLOGIAS DO SÉCULO 21

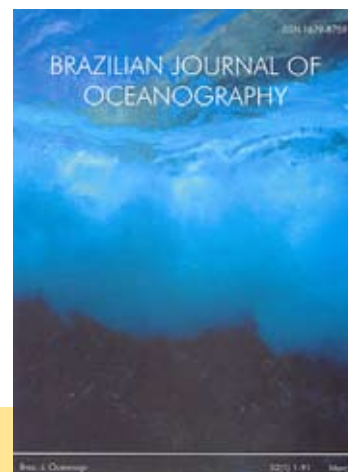
O Brazilian Journal Oceanography comemorou, em junho, seu aniversário de 60 anos, prova de que se reinventar é crucial para a longevidade de uma publicação. Muita coisa aconteceu desde a primeira edição, em 1950, ainda como Boletim do Instituto Paulista de Oceanografia, trazendo sete artigos inéditos e 130 páginas sobre a fisiografia do meio, plâncton e peixes da região lagunar de Cananéia, até hoje. Em 2010, a publicação é 100% digital e uma das 31 revistas brasileiras que têm agora seu fator de impacto calculado pelo ISI (Web of Knowledge).

“O BJO passou por três fases ao longo de seus 60 anos de existência. A primeira englobou a mudança de nome para Boletim do Instituto Oceanográfico em 1952, efetuada para acompanhar a mudança administrativa da Instituição, que passou a pertencer à Universidade de São Paulo e não mais à Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo. Durante os próximos 43 anos enfrentamos dificuldades como a luta por verba para publicação, passando por fases de diminuição do número de fascículos e perda da periodicidade quadrimestral”, conta Ana Maria Setubal Pires Vanin, professora do IOUSP e editora-chefe do Brazilian Journal of Oceanography. Ela destaca que 1996 foi o ano de outra mudança importante: nascia a Revista Brasileira de Oceanografia, com novo visual, periodicidade semestral, artigos publicados em inglês e distribuição para 539 instituições de ensino e pesquisa em 72 países.

O novo formato, contudo, não funcionou como esperado, em parte pela queda na quantidade de artigos de interesse internacional

somada à qualificação como revista local/nacional pelo sistema de credenciamento Qualis da CAPES. Para mudar esse quadro, em março de 2003 veio uma nova reestruturação. “Foi lançado o Brazilian Journal of Oceanography (BJO), totalmente reformulado e visando inicialmente o aumento e a manutenção do fluxo de recebimento de trabalhos de qualidade. Comissão editorial setorizada por área da oceanografia, com igual número de membros brasileiros e estrangeiros, aumento da periodicidade para quatro fascículos anuais e trabalhos inteiramente em inglês”, explica a editora-chefe. A estratégia deu certo: em 2007, o BJO passou a integrar a coleção de revistas científicas do portal SciELO, o que ocasionou aumento expressivo na divulgação da publicação.

“A partir de 2010, o Brazilian Journal of Oceanography passou a ser totalmente eletrônico, colocando o periódico definitivamente no século 21. Esse processo contribui para aumentar o impacto da pesquisa científica ao comunicar de forma rápida os resultados obtidos nos laboratórios”, comemora Ana Maria Vanin. Para o futuro, a revista tem uma meta: “Queremos que uma parte do conhecimento científico gerado pelas pesquisas oceanográficas no Brasil nos últimos 60 anos alcance o grande público. A ideia é publicar o acervo completo da revista e colocá-la disponível através do portal SciELO e do site do IOUSP. Embora consciente de que não seja um caminho fácil tornar-se uma revista internacional de fato, o momento atual é de confiança, lastreada em trabalho árduo, constante, muito prazeroso e sempre desafiador”, garante a professora.



Prezado(a) colega

Junto com o fechamento desta edição do Diário de Bordo, que tem os 60 anos do Brazilian Journal of Oceanography (BJO) como reportagem de capa, foi publicado o Fator de Impacto, referente ao ano de 2009 e, para nossa alegria e surpresa, o mesmo subiu para 0,677. Na prática, isso representa um salto de três vezes, desde a primeira publicação desse índice para a revista, referente a 2007. Qual o significado disso? Sem dúvida, o BJO segue como uma das mais importantes publicações em Ciências do Mar da América Latina e adquire, cada vez mais, status de revista internacional. Parabéns a todos.

Gostaria de destacar, também, a homenagem aos 90 anos do Professor Edmundo Ferraz Nonato. É difícil falar do Professor sem se emocionar. Deixemos que a matéria da página 3 fale um pouco da importância deste que é um dos pilares da Oceanografia no Brasil. Três outros temas, não menos importantes, em pauta. As bolsas-sanduíche, para os pós-graduandos (e que, aos poucos vão se estendendo aos alunos da graduação), a reestruturação da IO-Jr Consultoria e Educação Ambiental, e dois eventos, o encontro Oceanos e Sociedade, em 19 de novembro, e o próximo Simpósio Brasileiro de Oceanografia, que ocorrerá em abril de 2011.

Boa leitura.

Prof. Dr. Michel Michaelovitch de Mahiques

Diretor do Instituto Oceanográfico da USP

DOUTORADO-SANDUÍCHE NO EXTERIOR É VALIOSO PARA O PROJETO E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Desenvolver parte da tese de doutorado em uma universidade no exterior.

Esta é a proposta do doutorado-sanduíche, assim batizado por ser feito entre a fase inicial e a final do curso feito no Brasil. Uma das dúvidas mais comuns dos interessados sobre o grau de dificuldade desta opção, depende principalmente da área e da agência de fomento de cada aluno. "De uma maneira geral costuma ser fácil, e a Universidade de São Paulo é uma boa referência em termos de pesquisa, o que facilita o contato com os pesquisadores de universidades no exterior", diz Gabriela Rodrigues Vera, doutoranda do programa de pós-graduação em Oceanografia Biológica que fez seu sanduíche de seis meses na University of British Columbia em Vancouver, no Canadá, sob supervisão do PhD Villy Christensen.

Ela considera que o principal benefício do doutorado-sanduíche seja o contato com pesquisadores estrangeiros, com outros pontos de vista, discussões sobre o tema da tese e aprimoramento das metodologias empregadas, além do que os contatos feitos no exterior facilitam as possibilidades de parcerias no futuro. "No meu caso, o estágio em Vancouver me proporcionou a possibilidade de discutir a metodologia com o pesquisador que a desenvolveu e



Gabriela, do IOUSP, ao lado do professor Villy Christensen, da University of British Columbia, no Canadá

aprimorar meus conhecimentos sobre a metodologia, além de discutir os meus dados e as respostas com ele", enfatiza a aluna.

O projeto de doutorado dela visa entender o funcionamento trófico do sistema de ressurgência no mar de Cabo Frio, no litoral do Rio de Janeiro. Gabriela viajou para o ciclo de atividades em Vancouver em novembro de 2008.

A possibilidade de discussão com pesquisadores renomados na área de interesse acaba sendo um dos atrativos centrais do método sanduíche que, como qualquer experiência em outro país, não está isenta de contratemplos. O idioma diferente, as diferenças culturais e, por vezes, o clima extremo podem tornar-se cruciais em prazos mais longos e precisam ser levados em consideração antes de escolher o destino mais apropriado para desenvolver o projeto.

Dicas de veteranos

- :: Juntamente com seu orientador, entre em contato com o pesquisador da universidade de interesse para saber quais as possibilidades reais de ser recebido.
- :: Consulte a instituição de interesse sobre os procedimentos para desenvolver o doutorado-sanduíche.
- :: Busque informação na agência de fomento que apóia o projeto de pesquisa sobre condições e possibilidades de financiamento do sanduíche.



PROFESSOR EDMUNDO FERRAZ NONATO E SEUS 50 ANOS DEDICADOS À OCEANOGRAFIA



A homenagem pelos 90 anos do professor Edmundo Ferraz Nonato, realizada no dia 1º de junho no auditório do IOUSP, foi emocionante em vários aspectos. A figura do professor em si, que por 55 anos formou boa parte dos profissionais da área no Brasil, mistura-se com a história do IOUSP e da Oceanografia nacional. Como atestam seus ex-alunos, entre os quais o atual diretor do instituto, Michel Michaelovitch de Mahiques, o campineiro Nonato, nascido na década de 1920 que sempre amou o trabalho de campo tem muita história para contar.

O interesse pela agricultura e pecuária do interior do estado de São Paulo direcionou Nonato desde cedo para a área de Ciências Biológicas, mais especificamente para o curso de História Natural, da Faculdade de Filosofia da então recém-criada Universidade de São Paulo (USP). "Passei no vestibular em 1940, na época, as Ciências Biológicas, como Zoologia e Botânica, ainda não tinham uma instituição dedicada. Para as disciplinas básicas de Biologia, Química e Física, tínhamos um time de professores muito bem qualificados, a maioria vinda da Europa", lembra o professor Edmundo Nonato.

Depois do doutorado, já que na época não existia mestrado na área, Nonato fez especialização na França em Biologia Marinha. O curso, com duração de um ano, despertou o interesse do jovem acadêmico pelo mar, em especial pelos animais marinhos. De volta ao Brasil, em 1950, acompanhou o desenvolvi-

mento do Instituto de Pesca e a chegada do professor Wladimir Besnard, especialista na área de tecnologia e aproveitamento de produtos de origem marinha. "Ele rapidamente se convenceu de que era necessário desenvolver a pesquisa marítima, mas não se falava em Oceanografia ainda", relembra o professor Nonato.

O contato mais estreito entre os dois é de 1954. "Ele soube da minha especialização e conhecimento em tecnologia pesqueira na África e insistiu que eu passasse a trabalhar com eles no órgão especial recém-criado pelo Instituto de Pesca: o Instituto de Oceanografia, adido da Secretaria de Agricultura. No começo não me interessei muito, mas Besnard veio com um argumento e tanto: queria mandar alguém para Fernando de Noronha por 15 dias, fazer um levantamento das condições oceanográficas e pesqueiras do local. Foi assim que começou minha transição da História Natural para a Oceanografia", conta o professor.



Um ano depois Nonato embarcou num sonho que o levou a transferir-se oficialmente para o IOUSP: criar um laboratório, onde os alunos pudessem ter aulas práticas, realizar coletas e pesquisas de campo. O próximo passo foi escolher o lugar ideal no litoral de São Paulo para montar o laboratório. "Achamos um terreno extremamente conveniente: ficava a dez quilômetros de Ubatuba e a 40 quilômetros de Caraguá, a dois quilômetros do mar aberto, com uma enseada muito calma, com água doce de

boa qualidade do ribeirão que vinha da serra, um ancoradouro bom, um morro interessante para uma estação meteorológica, entre a Enseada do Flamengo e o Saco do Ribeira", descreve o professor. Ali, o IOUSP ergueu a Base Norte de pesquisas. A primeira foi Cananéia.

"Em 1958 me mudei para lá. Nosso primeiro barco de pesquisa foi o Veliger, seguindo a tradição de batizar barcos de pesquisa com nomes de filhotes de animais marinhos. Era uma lancha de sete metros com defeito de fabricação, que ninguém queria porque não parava na água. Arrumamos o problema e colocamos um motor espetacular, tanto que a lancha durou 11 anos", diverte-se Nonato.

Na década de 70 o professor voltou para São Paulo, deixando o cargo de chefe da base. Aposentou-se como professor em 1990, aos 70 anos, mas continuou a orientar alunos até 1997. Ao longo desses anos todos, teve a oportunidade de participar da formação de centenas de profissionais, com aulas tão disputadas que chegavam a formar filas na hora da inscrição – na época, o critério era a ordem de chegada.

Mas o rico passado não impede o professor a olhar para o futuro, sempre com grande otimismo: "Vejo o futuro da Oceanografia com uma perspectiva muito boa. Hoje temos espaço, um corpo docente muito bom, muitos alunos, um pessoal entusiasmado que vai garantindo o futuro", acredita.



» Nova fase da IO JR inclui até Ouvidoria

Em cinco anos de vida, a IO Júnior Consultoria e Educação Ambiental passou por um grande processo de evolução e vive hoje uma reestruturação interna que inclui projetos de marketing, criação do website, capacitação da equipe, produção de materiais de divulgação, criação de uma ouvidoria, participação e inserção da empresa em debates acadêmicos e estreitamento de relações com outras empresas. Atualmente é composta por 27 membros, todos graduandos em Oceanografia em diferentes anos de formação.

“Hoje a IO Júnior está entre as mais bem estruturadas EJ’s de Oceanografia do Brasil. Apresenta a maior equipe e maior gama de projetos em atividade”, assegura Leandro Inoe Coelho, diretor-presidente da IO Júnior e diretor do Centro Acadêmico Panthalassa. Entre as atividades, ele destaca a participação na elaboração das Cartas SAO, em parceria com o IOUSP e financiada pela Petrobrás, além da participação em dois projetos recentes: GT Litoral Norte, Sensoriamento remoto da Sardinha Verdadeira (INPE). O diretor também cita o envolvimento na organização, logística e gerenciamento de eventos como o V STO 2010 (Semana Temática da Oceanografia), o Clean Up Day, o V SBO 2011 (Simpósio Brasileiro de Oceanografia) e a II FIELO 2011 (II Feira Integrativa de Empresas Ligadas à Oceanografia).

“Para o aluno aspirante a oceanógrafo, o IO JR é a oportunidade de aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos durante o curso, somados à prática empreendedora, gerenciamento de projetos, conhecimentos em marketing, financeiro, gestão de contatos, habilidades empresariais, trabalho em equipe e liderança”, complementa Coelho.

» Eventos discutirão oceanos, políticas públicas e sociedade



Pesquisa oceanográfica e as políticas públicas: este será o tema do 5º Simpósio Brasileiro de Oceanografia, programado para os dias 17 a 20 de abril de 2011, na Baixada Santista, em São Paulo. Ainda nas

fases iniciais de planejamento, a ideia é o evento abordar essa relação, contando com a comunidade acadêmica nacional e estrangeira quanto com gestores responsáveis pela implementação de políticas públicas, representados por órgãos como a Comissão Oceanográfica Internacional, da Unesco, e ministérios, como o de Ciência e Tecnologia e do Meio Ambiente.

“A expectativa é o simpósio permitir que este tema, pouco abordado no dia a dia da pesquisa oceanográfica, seja visto sob diferentes perspectivas”, avalia Alexander Turra, professor do IOUSP envolvido na organização do evento.

Para dar o pontapé inicial na discussão, está previsto para 19 de novembro, no próprio IOUSP, o encontro Oceanos e Sociedades, que vai comemorar os 50 anos da criação da IOC com o tema A atuação da Comissão Oceanográfica Intergovernamental e a relação entre pesquisa oceanográfica e políticas públicas no Brasil.

Organizado pelos professores Turra, Ilana Wainer e Marcelo Dottori, o evento espera cerca de 300 pessoas e pretende discutir sobre como a pesquisa oceanográfica pode subsidiar a elaboração e o acompanhamento de políticas públicas, assim como as possibilidades de fomento para pesquisas com essa finalidade.

Anote

5º Simpósio Brasileiro de Oceanografia | de 17 a 20 de abril de 2011
Baixada Santista | São Paulo

Encontro Oceanos e Sociedade – 50 anos da Comissão Oceanográfica Intergovernamental | 19 de novembro de 2010 | IOUSP | São Paulo | SP
Mais informações: <http://www.io.usp.br/COI50anos>

» Agenda da Comunidade Oceanográfica

De 29 de setembro a 1º outubro | **Deltas in Times of Climate Change / Roterdã, Holanda**
<http://www.climatedeltaconference.org>

De 19 a 22 de outubro | **5th International Symposium on Biological and Environmental Chemistry of DMS(P) and related compounds**
- National Institute of Oceanography (CSIR), Goa, Índia | <http://dmisp.nio.org/>

De 26 a 30 de outubro | **Urban Futures and Human and Ecosystem Wellbeing | Shanghai, China.**
<http://www.unesco.org/mab/doc/news/urbanSymposium.pdf>

De 3 a 7 de dezembro | **5th International Nitrogen 2010 / Reactive Nitrogen Management for Sustainable Development** – Science, Technology and Policy / Nova Deli, Índia | <http://www.n2010.org/>

De 13 a 17 de dezembro | **2010 AGU Fall Meeting** / São Francisco, Estados Unidos | <http://www.agu.org/meetings/fm10/>



A Comissão de Pesquisa do IOUSP está no TWITTER. Siga as novidades, acesse: www.twitter.com/cpqiousp